

Oração semanal

(5ª-feira, Tempo Comum 26)

Serra do Pilar, 4 outubro 2018

P. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo!

R. **Ámen!**

P. Estamos, Senhor, reunidos em teu nome; fica connosco (Lc 24,29).

R. **E desça sobre nós a tua bênção.**

P. Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito do Pai e do Filho!

R. **Glória ao Senhor, que nos dá o seu Espírito (1Ts 4,8)!**

Leitura do Evangelho de Jesus Cristo segundo Mateus

(Mt 22,34-40)

Naquele tempo, os fariseus, ouvindo dizer que Jesus tinha reduzido os saduceus ao silêncio, reuniram-se em grupo, e um doutor da Lei perguntou-lhe, para o experimentar: *Mestre, qual é o maior mandamento da Lei?* Jesus respondeu: *'Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todo o teu espírito'. Este é o maior e o primeiro mandamento. O segundo, porém, é semelhante a este: 'Amarás o teu próximo como a ti mesmo'. Nestes dois mandamentos se resumem toda a Lei e os Profetas.*

Salmo 27

O Senhor é minha luz e salvação, De nada terei medo!

O Senhor é minha luz e salvação,
a quem hei de eu temer?
O Senhor é o baluarte da minha vida,
de quem terei medo?

Se os perversos avançarem contra mim
para me devorarem,
serão eles, inimigos e adversários,
a vacilar e sucumbir.

Ainda que um exército me cerque,
nada tenho a temer.
Ainda que me declarem batalha,
manterei a minha confiança!

Uma só coisa peço ao Senhor,
a única que me interessa:
habitar na sua Casa
todos os dias da minha vida!

Habitar na Casa do Senhor
todos os dias da minha vida,
para nela me entregar à contemplação
e me dedicar aos seus trabalhos!

Ele me esconderá na sua tenda
nos dias mais difíceis,
me resguardará na sua intimidade
ou defenderá nos mais altos rochedos.

Ele erguerá minha cabeça
acima dos inimigos que me cercam.
Oferecer-lhe-ei os meus sacrifícios
e cantar-lhe-ei hinos de louvor!

Escuta-me, Senhor, que chamo por ti:
escuta-me e responde-me.
Meu coração e meus olhos anseiam por ti:
é a tua face que eu procuro.

Não desvies de mim o teu rosto
nem, irado, afastes de ti o teu servo.
Tu és o meu amparo,
não me abandones, Deus Salvador!

Ainda que meus pais me abandonem,
acolhe-me, Senhor, e mostra-me o teu caminho:
atento aos que me perseguem,
leva-me, Senhor, por sendas direitas!

Não me entregues à mercê dos inimigos
que contra mim levantam falsidades
a maquinar violências!
Não me abandones, Deus Salvador!

Ah! Se eu não tivesse os bens do Senhor
já nesta terra dos vivos...
Confia sempre no Senhor,
sê forte, corajoso e confia!

Glória ao Pai, que tanto nos amou,
ao Filho, que nos mostrou o Amor do Pai,
e ao Espírito, que é o Amor de Deus,
que habita e transforma os corações!

Um chamamento radical (2)

... [ao tempo de Jesus] A família exigia fidelidade absoluta.
(...).

Mas Jesus não via as coisas dessa maneira. A família não era o principal, nem estava por cima de tudo. Havia uma coisa mais importante: a disponibilidade para o serviço do reino de Deus que estava já a irromper. As fontes conservaram um dito desconcertante de Jesus: "Se alguém (...) não me tem mais amor que ao seu pai, à sua mãe, à sua esposa, aos seus filhos, aos seus irmãos e irmãs e até à própria vida, não pode ser meu discípulo". Jesus exigia dos seus discípulos uma fidelidade à sua pessoa acima da fidelidade às suas próprias famílias. A surgir um conflito entre estas duas fidelidades, tinha que optar-se por ele. Entre aquela gente, o "amor" e o "ódio" não estavam associados somente aos sentimentos da pessoa, sendo, antes, atitudes pertencentes à esfera do grupo. Jesus pedia-lhes adesão e

fidelidade (amor), mesmo que isso supusesse rutura e oposição (ódio) à família.

Segundo uma fonte, Jesus nem sequer permitiu que um possível discípulo se despedisse da família. Na verdade, o que aquele homem pedia não era um gesto de simpatia para com os seus, mas que lhe fosse permitido propor aos seus familiares a hipótese de seguir Jesus. Desejava ser seu discípulo, mas gostaria de obter a aprovação dos seus e a bênção de seu pai. De facto, como havia ele de tomar uma decisão daquela, tão importante, sem lhes dizer uma palavra? Mas Jesus respondeu-lhe de uma maneira categórica: "Quem olha para trás depois de deitar a mão ao arado não é apto para o reino de Deus".

Porque é que Jesus falava tanto das cisões que o seu chamamento podia provocar no seio das famílias? Será que ele próprio teve problemas com a sua? É provável que os familiares de Jesus não vissem com simpatia a sua ação na Galileia. Não entendiam a sua atitude. Numa ocasião, a sua mãe e os seus irmãos quiseram levá-lo para casa, pois pensavam que ele tivesse enlouquecido. Informado da presença deles, deixou que o esperassem fora da casa onde estava a ensinar e disse abertamente que aqueles que estavam sentados à sua volta a escutar atentamente a sua palavra é que eram a sua verdadeira família. É provável que em casa de alguns dos seguidores de Jesus tivesse havido conflitos parecidos aos que ele vivera na sua. Aquele estranho grupo liderado por Jesus nem sempre contava com a simpatia dos seus. Não teriam enlouquecido todos um pouco?

Jesus sabia que aquelas famílias patriarcais estavam controladas pela autoridade indiscutível do pai. O pai era o

primeiro defensor da honra da família, o guardião do seu patrimônio, o coordenador do trabalho. Todos viviam submetidos à sua autoridade. Quando Jesus pedia aos seus discípulos para abandonarem o seu pai, estava a exigir deles que fossem contra o primeiro dever de qualquer filho, que era o respeito, a obediência e a submissão total à sua autoridade. Desafiar o poder supremo do pai, deixando-o só em casa, era não só sinal de profunda ingratidão, mas também uma afronta pública que ninguém podia aceitar. Por isso, teve que provocar grande escândalo a resposta de Jesus a um sujeito que lhe pedia que o deixasse ir "sepultar o seu pai" antes de começar a segui-lo: "Deixa que os mortos sepultem os seus mortos. Quanto a ti, vai anunciar o Reino de Deus". Sepultar o pai era a obrigação mais importante e mais sagrada de um filho. As honras fúnebres, presididas pelo filho, constituíam o momento solene em que a autoridade do pai e o seu controlo sobre a família passavam para o herdeiro. Mas, provavelmente, o que aquele homem pedia a Jesus não era assistir ao funeral do seu pai recém-falecido, coisa que o deveria ocupar só uns dias, mas que o deixasse atendê-lo nos últimos anos de vida. O ausentar-se de casa sem cumprir essa obrigação sagrada não seria um atentado contra a continuidade e a honra da família? Jesus responde com absoluta nitidez, como se dissesse: "O projeto de Deus está em primeiro lugar. Não te preocupes com o 'mundo do pai', essa família patriarcal e exclusiva que se reproduz para a morte. Tu, vai a anunciar o reino de Deus, essa nova família que Deus quer aberta aos mais fracos e aos órfãos. Deixa o teu pai e dedica-te aos que nem pai têm que os possa defender".

O chamamento radical de Jesus não tem nada a ver com o

rigorismo defendido pelos mestres da lei. Não se inspira num ideal de ascética superior aos outros. Não pretendia sobrecarregar a vida dos seus seguidores com leis e normas mais exigentes. Ele chamava-os a partilhar a sua paixão por Deus e a sua disponibilidade total ao serviço do seu reino. Queria acender neles o fogo que ardia no seu coração. Ele estava disposto a tudo por causa do reino de Deus e desejava ver no grupo dos seus seguidores a mesma paixão. Há frases que dizem tudo: "Quem quiser salvar a sua vida há de perdê-la; mas, quem perder a sua vida por causa de mim e do Evangelho há de salvá-la". Com esta afirmação paradoxal, em que talvez esteja subjacente algum pensamento sapiencial conhecido, Jesus estava a convidar os seus discípulos a viver como ele: agarrar-se cegamente à própria vida podia levar a perdê-la; arriscá-la generosa e audazmente poderia levar a salvá-la. Era assim. Aquele discípulo que se agarrasse à vida pela segurança, objetivos e expectativas que ela certamente lhe proporcionava poderia perder o maior bem de todos, ou seja, a vida dentro do projeto de Deus. Mas, aquele que arriscasse tudo e perdesse até a vida que até agora levava encontraria a vida ao entrar no reino de Deus.

Os discípulos puderam ouvir uma coisa ainda mais concreta e terrível, que os terá feito estremecer: "Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me". Um discípulo terá de esquecer-se de si mesmo, renunciar aos seus interesses e viver centrado em Jesus. Já não se pertence. A sua vida é Jesus. Vive seguindo-o a ele. Até aqui, tudo bem. O mais inquietante é a metáfora que Jesus acrescentou. Toda a gente conhecia o espetáculo terrível do condenado que, depois de açoitado, era obrigado a levar sobre os seus ombros a trave horizontal da cruz até ao lugar do suplício, onde já estava o tronco

vertical cravado na terra. Antes e depois de Jesus, a Palestina esteve salpicada de cruces. Todos sabiam da facilidade com que se crucificavam escravos, ladrões, rebeldes e todos os que pusessem a paz em perigo. Ainda estava fresco o dia em que o general Varo crucificara dois mil judeus à volta de Jerusalém. Tinha sido no ano 4 a. C., quando Jesus dava os primeiros passos, na sua casa de Nazaré. Era difícil ter escolhido uma linguagem mais realista para fazer compreender aos discípulos o que os esperava: uma disponibilidade ilimitada para o seguirem, assumindo os riscos, a hostilidade, o escárnio e, talvez, a própria morte. O seu destino seria o de partilharem a mesma sorte dos desgraçados e dos miseráveis que eram "crucificados de tantas maneiras naquela sociedade. Mas, com eles, haveriam de entrar no reino de Deus.

(José Antonio Pagola — *Jesus, uma abordagem histórica*, pp. 292-296)

Oremos

Que os teus apóstolos, Senhor,
reencontrem todas as multidões do Evangelho,
mas não repitam o erro
de esquecer que a operação da fé
é pessoal, não massiva;
e que o mais pequenino no Reino dos Céus
tem também o poder de fazer milagres,
de ser cumulado com as maravilhas da tua graça.
Por Jesus Cristo, nosso Senhor,
na Unidade do Espírito Santo.

Ámen!